

A CARACTERIZAÇÃO DO SERTANEJO E OS RETALHOS DA PARAIBANIDADE DO IHGP NA OBRA “O QUEBRA-QUILO”, DE GERALDO IRINEO JOFFILY

Luíra Freire Monteiro *

Manoel Gomes de Oliveira Neto **

RESUMO

Dentre os diversos usos da história ao longo do tempo, está à construção de identidades, tendência presentificada desde a fundação do IHGP e replicada pelos institutos regionais. Deveria ser competência desses lugares de saber a identificação dos principais traços da cultura local, dos eventos históricos que pudessem dar sentido aos modos de ser de cada população. O Instituto Histórico e Geográfico Paraibano não falhou nessa missão, estipulando os acontecimentos relevantes na colonização do território da capitania da Paraíba para tal fim. Das páginas dos homens de letra da instituição surgiram os traços do povo paraibano, a demarcar sua identidade. O seguinte artigo propõe perscrutar como esse modelo de Paraibanidade está (ou não) contido na obra “O Quebra-Quilos – A revolta dos matutos contra os doutores”, do escritor Geraldo Irineo Joffily. Nela, o historiador paraibano aborda outro sertão, fazendo uso do modelo colonial de regionalização dos espaços, no qual o centro seria a zona produtora de interesses metropolitanos. Joffily se coloca como um autor engajado nas lutas populares, que lhe permitem moldar uma ideia do sertanejo como um paraibano singular, que se diferencia do outro (o litorâneo) por ser dotado de aspectos ainda não abordados por outros autores. Nossa pesquisa faz uso do método comparativo, com ênfase nos detalhes da retórica joffiliana voltada à representação do sujeito sertanejo e de sua identidade. Os estudos de S. HALL e J. C. KAUFMANN norteiam teoricamente a pesquisa, cujo cerne – a criação de identidades - ainda carece de estudos mais apurados, principalmente no concernente à historiografia paraibana.

Palavras-chave: Historiografia, Paraibanidade, Sertão.

1 INTRODUÇÃO

As identidades enquanto moldagens, ou molduras, no dizer de KAUFMANN (2006), são fabricadas a partir de um discurso que as legitimam enquanto tal. Assim sendo, as mesmas estão vinculadas a um lugar histórico e institucional. Esse é o caso do IHGP, a instituição fundada em 1905 em nosso estado, que abrigou uma gama de estudiosos empenhados em dar forma a uma história da e sobre a Paraíba e, como consequência, arquitetar uma identidade comum à população local, de forma que a mesma se reconhecesse – e se fizesse reconhecer – a partir de aspectos comuns, identificados nos homens que se destacaram quando da formação do lugar.

Essa identidade comum foi estudada em primeira mão por DIAS (1996)², que elencou os mecanismos retóricos utilizados pelos iahgepeanos no exercício que denominamos de

*Luíra Freire Monteiro é doutora em História na área de Identidades, práticas e representações do mundo contemporâneo, professora efetiva da Universidade Estadual da Paraíba, pesquisadora do Centro de estudos da Cultura e da Sociedade (IHCS) da Universidade de Coimbra, vinculada ao Doutorado em Altos estudos em História, da mesma universidade.

** Manoel Gomes de Oliveira Neto é pesquisador do CNPQ e graduando em História pela Universidade Estadual da Paraíba.

² DIAS estudou o trabalho dos iahgepeanos em sua dissertação, intitulada “Intrepida ab origine”, publicada em 1996, quando ela apresenta o modelo retórico adotado pelo instituto paraibano para, a partir do mesmo, se constituir a história local e a identidade do povo paraibano, que assumiria os traços acima destacados.

“arquitetura identitária”³. A denominada “Paraibanidade”⁴ assumiu como marca alguns fatos históricos⁵, constantemente utilizados por variados historiadores, de modo a ratificar que os feitos de alguns “heróis” seriam adquiridos pelos demais habitantes da capitania. Destacar esses feitos e os traços de personalidade dos “grandes nomes” findaria por imprimir no paraibano a consciência de si (KAUFMANN, 2006), assumindo-se como ser pacífico por natureza, embora aguerrido sempre que necessário, urbano, civilizado, diferente dos demais povos –especialmente do pernambucano – e, acima de tudo, liberal e republicano.

Tal arquitetura puramente retórica deveria demarcar o povo da Paraíba, independente de sua origem, lugar social e até mesmo a região em que nascera, uma vez que se entendia ter sido o mesmo cariz perpassado ao longo do tempo às gerações distintas que se escoavam pelo território, definindo-lhe seu contorno e se alastrando como um traço imutável. Do litoral ao sertão, o paraibano se caracterizaria pelos mesmos contornos psíquicos herdados dos heróis que conquistaram o território da capitania e que ali implantaram uma civilização.

Ao tempo em que esse exercício retórico levado a efeito na historiografia que foi sendo construída a partir de 1905, desdenhou-se da própria historicidade da formação paraibana, marcada por singularidades tais que, no futuro, foram utilizadas para definição geográfica do que hoje nominamos como “micro regiões”. Seria o brejeiro ou as gentes do cariri iguais aos caiçaras do litoral? E o que dizer do sertanejo, formado no espaço inóspito, oriundo da chamada civilização do couro? Teria o sertanejo as mesmas características dos conquistadores do litoral e, por conseguinte, a mesma “paraibanidade” construída para aqueles se moldaria perfeitamente para os demais? Que influências historiográficas contribuíram para tal fim?

No sentido de desvendar tais questões, lançamos mão – como norte – das lições de HALL (2005) sobre o processo de formação identitária, calcada, sobretudo, num profundo processo de diferenciação, de diferença e de exclusão⁶. Ora, se a Paraibanidade firmou um tipo paraibano a partir do litoral, ousando homogeneizar as demais populações do território da Paraíba, marcada de forma evidente por diferenças e singularidades, não haveria nesse exercício identitário a exclusão de outras identidades em prol daquela que os historiadores do

³ O termo advém da pesquisa de Iniciação científica, coordenada pela profa. Dra. Luíra Freire Monteiro, intitulada “Arquitetura da paraibanidade: recursos retóricos dos historiadores paraibanos na construção da identidade local” que, em seus múltiplos desdobramentos, originou a ideia do presente artigo. Esses “mecanismos” foram identificados como a escolha de determinados acontecimentos, que –dado a sua repetitividade nas narrativas historiográficas a ser construídas – foram tomadas como passíveis de exarar características de grandes nomes (os heróis) que se refletiriam facilmente na personalidade do paraibano, quase como “uma herança moral” passada de geração em geração, e que caracterizaria a paraibanidade.

⁴ Aspeamos o termo por entender que o mesmo não foi uma criação acabada dos intelectuais paraibanos que escreveram as primeiras obras sobre a história da Paraíba, na transição do século XIX para o século XX. Na verdade, o termo foi cunhado por Cláudio Santa Cruz, ao ser empossado, em 1964, na direção do IHGP. Da mesma forma, defendemos que o esforço de criação identitária foi se constituindo aos poucos, não se firmando desde a fundação daquele espaço de saber como um projeto bem definido. Na verdade, tratou-se mesmo de um experimento de homens de letras que tentavam escrever um texto historiográfico e que, no seu afã, enveredaram pelo modelo até então existente, como a História da Província da Paraíba, de Maximiano Lopes Machado.

⁵ Os acontecimentos elencados são: O acordo de paz, a fundação da cidade, a guerra contra o domínio holandês, a subordinação da capitania à Pernambuco e, por fim, todas as revoltas com bandeiras do republicanismo incipiente, como demonstrado no trabalho A invenção de si: estratégias de construção da identidade paraibana na historiografia local. Relatório final de pesquisa do PIBIC/CNPQ/UEPB, cota 2013-14, de nossa autoria.

⁶ Para o estudioso Stuart Hall em sua obra *A identidade cultural na pós-modernidade* (2005), as identidades são construídas dentro de um discurso que as legitima, essas por sua vez, precisam ser compreendidas como produzidas em determinados locais históricos e instituições específicas, no interior de práticas discursivas, por estratégias e iniciativas singulares. São dessa forma, mais uma produção que marca diferença e que ao mesmo tempo exclui, do que um signo de unidade idêntica ou naturalmente constituída, uma identidade tradicional, que é uma mesmidade, sem diferenças ou costuras. São tidas, dessa maneira, enquanto construídas por meio da diferença e não fora desta. Isso implica dizer que é apenas por meio da relação com o outro, com aquilo que não é, ou que falta, que uma identidade pode ser constituída.

IHGP pretendiam como perfeita e interessante? Como aqueles historiadores conseguiram se desviar dessa armadilha?

No sentido de tentar desvendar tais problematizações sobre o tema, lançamos mão de um estudo singular sobre a rebelião levada a efeito pelo povo paraibano do interior: a revolta nominada “Quebra-quilos” estudada por Geraldo Irineo Joffily. Nela, o autor aborda feitos de populações distintas daquelas do litoral, e constrói uma história da Paraíba a partir de fatos outros que não aqueles elencados como determinantes para a construção da identidade local. Seu texto, de 1977, vem demarcar que a identidade do paraibano já exibia certa duplicidade, uma vez que já diferenciava, desde muito, entre os do “litoral” e os do “sertão”, a quem Joffily chamou de “matutos”. Vejamos como se constituiu essa nova identidade.

2 UM ESTUDO DE CASO: A OBRA DE GERALDO JOFFILY E A NARRATIVA DO SERTÃO

O estudioso paraibano Geraldo Irineo Joffily nasceu em 1914 na cidade de João Pessoa, era filho de Irineo e de Sara Barreto Joffily. Casou-se com a senhora Cristina Rose Marie Dufour Fischer, bacharelou-se em direito no ano de 1934 pela faculdade de Direito do Rio de Janeiro, tendo falecido um ano após se aposentar em 1984. Quatro anos após ter se formado, passou um ano em território acreano, fugindo da máquina repressiva do Estado Novo, onde, por sua vez, atuou em uma série de cargos como advogado até 1946. Como juiz substituto, foi também o primeiro a aplicar a lei Afonso Arinos, além de ter sido titular da Vara da Família, Menores, Órfãos e sucessores, nomeado pelo então presidente JK.

Assim como o avô Irineo Joffily, estudioso que se empenhou nos estudos históricos e geográficos da Paraíba, seu neto esteve envolvido em pesquisas envolvendo a área. Durante quinze dias, ficou preso por ato do governo militar, tendo sua casa sido ocupada pelos policiais da ditadura; foi porém nessa época, que dedicou-se com afinco aos estudos literários e às pesquisas históricas, publicando logo em seguida a obra *O Quebra Quilos*, que norteia – como fonte primária – nosso estudo.

O Brasil vivia então os anos da dura ditadura militar, que trouxe consigo diversas restrições às liberdades individuais dos cidadãos brasileiros. Já na década de 70, tempo em que foi lançada a obra, o mesmo regime começava a passar por um processo lento de abertura política que proporcionaria mais tarde a retomada da democracia.

Joffily buscou estudar um determinado período da história da Paraíba, procurando através dos indícios encontrados, dar sentido ao desenrolar do movimento que tomou por nome *Quebra-Quilos* e que envolveu uma parte da população da Paraíba; um grupo específico pelo autor denominado de *matutos*, os quais eram, segundo ele, habitantes do *sertão* desse mesmo território. Mas que sertão seria este? Qual a compreensão de sertão haveria entre os intérpretes do nacional à época da escrita de seu livro?

Vale lembrar que o conceito de sertão adotado até essa época era o de toda região que não era litoral, e que essa nomenclatura tornou-se importante como objeto de reflexão de uma parte do pensamento social brasileiro⁷, essa divisão por sua vez assume uma força simbólica bastante forte, no caso específico aqui discutido toma maior evidência, pois a imagem que se dá de sertão é interessante de compreender-se, haja vista que esta não surge enquanto uma categoria unicamente espacial, usada unicamente para delimitar uma extensão territorial e que designa apenas uma faixa de terra determinada, mas termina por estabelecer as características que essa região e sua população tomam.

⁷ Vários foram os autores do pensamento social brasileiro que se debruçaram sobre a divisão litoral e sertão, só para citar alguns, há o caso de Nísia Trindade em sua obra *Um Sertão Chamado Brasil* (2003), e a também autora brasileira Candice Vidal e Souza, na sua obra *A Pátria Geográfica: Sertão e Litoral no Pensamento Social Brasileiro* (2015).

A mesma deve ser entendida enquanto construção de uma imagem que quer se dar acerca de determinado local, não como algo dado ou natural que estaria aí presente, mas que foi forjado no pensamento brasileiro e amplamente discutido no século XIX e início do XX, período importante para a reflexão acerca identidade nacional, onde se busca pensar qual a figuração que se dará do povo brasileiro. Lembrando que nessa mesma época, a obra de Irineo Joffily que aqui se discute foi escrita, tendo o período no qual é discutido estado envolto por um contexto marcado pela influência do positivismo na historiografia, sua forma de conceber o ideal de progresso, se insere nessa dinâmica que buscou discutir a ideia de sertão enquanto o local que diverge do litoral, área produtora do açúcar, mas que por sua vez se vê na concorrência de um novo tipo de produto para atender o mercado, o algodão, que crescia e tomava espaço relevante no comércio exterior.

As representações da região sertaneja foram sempre criadas no sentido de demonstrar aquele local que estava longe do progresso e mesmo da civilização, vários literatos se dedicaram a descrever esse local e dar-lhe uma face típica. Só para citar alguns, cabe destacar Euclides da Cunha e mesmo Monteiro Lobato, também criador do personagem Jeca Tatu, típico representante da imagem que se dá do habitante sertanejo, descrito a partir de uma ótica estereotipada e menosprezante, que observa no indivíduo a falta do progresso, carregado de indolência.

Geraldo Joffily realizou a busca por retalhos contidos nas fontes da época, como por exemplo, nos jornais que relataram o movimento do Quebra Quilos, e nos estudos presentes na obra *Notas Sobre a Parahyba*, do seu avô Irineu Joffily⁸. Tudo isso na tentativa de encontrar algo que pudesse corroborar a noção de um todo, que o autor por sua vez procura criar, esse todo seria o povo paraibano, que é dito nas páginas finais da obra *O Quebra Quilos*, fonte principal desse estudo. Conhecido por sua maneira de agir bravamente frente à tentativa de subordinação por parte da elite, essa gente compartilharia esse traço, que estava presente tanto nos habitantes interioranos, quanto nos do litoral.

O escritor tratou de perscrutar o movimento de penetração para o sertão da Paraíba, como uma maneira de demonstrar a existência de outro espaço que não fosse apenas o litoral dos engenhos e da produção açucareira, uma vez que, em sua narrativa, se preocupou em dar destaque à mesma ocupação, já que o descobrir dessas terras é tido como um marco simbólico da história local, tendo em vista que o destaque não se dá apenas ao desbravador luso, mas também o próprio aspecto singular dessa terra, que é tida na obra como propiciadora de recursos para a área litorânea. A região foi responsável, nas palavras do autor, por abastecer às demais localidades por meio de sua propícia produção agrícola dos Brejos, destacada por outros autores como (FERNANDES, 2008).

3. SERTANEJOS E MATUTOS – UM DADO NOVO NA “PARAIBANIDADE”?

A ideia de paraibanidade assenta-se na concepção de um indivíduo singular, o paraibano, diferenciado dos demais por ser portador de características específicas⁹ que o singulariza. Esses mesmos traços foram elencados por Margarida Dias em sua tese de

⁸ Irineu Ceciliano Joffily, avô de Geraldo Irineu Joffily, na referida obra discute como essa sedição conhecida por Quebra-Quilos, tomou uma vastidão enorme, elencando como motivo maior a decretação de impostos por parte da assembleia provincial da Parahyba. Isso gerou o ódio dessa população sertaneja contra a tirania do governo, os quais eles denominavam de doutores ou bacharéis. Essa mesma gente, segundo Ceciliano Joffily, se opôs no ano de 1852 contra a chamada *lei do cativo*, no movimento cunhado por Ronco da Abelha, o qual também é objeto de nosso estudo.

⁹ As características da paraibanidade como elencadas dos DIAS e estudadas de maneira mais ampla por MONTEIRO são: Ser pacífico por natureza, aguerrido frente às tentativas de insubordinação, diferente dos demais por ser urbanizados e detentores de uma natureza republicana.

mestrado intitulada *Intrebda Ab Origine*, bem como perscrutados a fundo por Luíra Freire Monteiro em seu projeto de pesquisa de iniciação científica, intitulado *Arquitetura de Si*.

Quebrando a perspectiva de unicidade do tipo paraibano, Geraldo Joffily trouxe em sua narrativa um novo componente desse povo, o denominado *matuto*, habitante das porções de terra do interior e que estava voltado a uma vida menos urbanizada que o indivíduo do litoral. Tal diferença, a nosso ver, consistia nos modos de vestir-se e levar seu dia a dia, descritos pelo autor como trabalhadores da enxada e que moravam no mato, que eram por sua vez independentes, por não estarem sujeitos aos ditames dos senhores de engenho como os lavradores do litoral. Andavam descalços usando calça e camisa de madapolão, não sabendo ler ou mesmo escrever, fazendo parte das feiras de povoações mais próximas.

É importante ressaltar que o ser paraibano também se caracterizaria por seu elemento diferenciador em relação ao restante do país, pois de maneira avessa às demais capitânias surgidas no Brasil, a urbanidade seria aspecto forte dessa construção identitária regional. A própria capitania da Paraíba em si teria nascido, segundo os historiadores do IHGP, com *status quo* de cidade, e nesse sentido, o paraibano do litoral seria aquele indivíduo dono de uma personalidade mais ligada à urbe, civilizado em relação aos que habitam a região sertaneja, marcada por um estilo de vida mais campesino, onde mesmo a maneira de se vestir com o uso da roupa de madapolão, demonstra que o habitante interiorano é diferenciado para com o seu vizinho litorâneo, apesar de que compartilham traços em comum, os quais são discutidos no restante do presente trabalho.

O *matuto*, constante na narrativa Joffiliana, foi fruto de variadas construções por parte de diversos autores do chamado pensamento social brasileiro, a definição desse indivíduo passou por diversas concepções que tenderam a associar esse homem pobre do campo a uma vida rural, com modos de vida que não se fariam mais presentes nas cidades, longe do ambiente urbano, como é o caso do já citado Jeca Tatu, personagem de Monteiro Lobato, esse indivíduo esteve amplamente associado à ideia de atraso, mantendo-se longe do progresso, ligado ainda à noção de conformismo. Foi essa imagem de personagem ignaro, que no dizer de (VASCONCELLOS, 2009), se tornou hegemônica no imaginário popular.

A obra *O Quebra Quilos*, traz consigo a denúncia de um autor que esteve engajado no entendimento do contexto no qual o evento se insere, em mostrar o que ocasionava os desacertos dentro da Província, as raízes de onde partiam os problemas que levaram o povo a se levantar contra a ordem, sendo o motivo, os abusos por parte do poder estabelecido. Na década de 1870 na Paraíba, o protesto abrangeu uma vasta região, se deu em decorrência dos abusos na cobrança de impostos nesse período, bem como por receio do recrutamento militar obrigatório que causava verdadeiro temor na população simples da época. Relata Joffily que, após três meses de ocorrido o movimento contra o recrutamento para a guerra do Paraguai, surgiu na Serra da Borborema um levante dos habitantes do Sertão chamados de *matutos*, que recebeu o nome de Quebra-Quilos devido ao fato de os revoltosos saírem nas feiras das ruas quebrando os novos pesos e medidas.

O chamado imposto do chão, taxa que era cobrada nas feiras pelo usufruto do espaço onde se punha as mercadorias a um tostão por carga, e juntamente com ele, o sistema métrico, com novos pesos e medidas, foram ações tomadas no período monárquico que causavam desigualdade e operações que eram desfavoráveis a essa população rural denominada de *matutos*. Isso fez com que a 31 de outubro de 1874 essa população se revoltasse mais uma vez, pois antes já haviam se levantado no movimento que ficou conhecido por Ronco da Abelha. O mesmo ocorreu contra a imposição dos registros de nascimento e óbitos pelo Estado, tomando uma função que historicamente pertencia à igreja.

Atuando em todos os brejos e na Serra da Borborema, essa população pobre denominada de *matutos* foi valente e destemida, segundo Joffily, uma vez que se revoltaram, e é esse aspecto que por sua vez é tratado também como ponto da identidade paraibana dos

IHGPEANOS que se engajaram na empreitada de demonstrar traços de um povo heroico e bravo. Essa mesma característica se faz presente na narrativa, esses simples habitantes do interior que no título da obra em estudo chamado de *O Quebra Quilos: A revolta dos matutos contra os doutores* são denominados como aqueles que lutam e não se deixam subjugar, tornaram-se diferenciados por sua insubordinação.

No desenrolar da revolta do Quebra Quilos, que ocorreu como já salientado, devido a quantidade dos desmandos que vinham ocorrendo na época e que prejudicava essa população, relacionada com a mudança dos sistemas de pesos e medidas, diversos impostos atingiram esse povo denominado de matuto, que por vezes eram tachados como ignorantes, pois como o próprio nome da obra em estudo sugere, são matutos contra os doutores. O que se percebe de mais forte é a tentativa de demonstrar que a designação que foi dada a estes é errônea, e cabe então analisar as razões dessa mesma moldagem.

Joffily se preocupa em focar a riqueza da terra, quase que fazendo a exaltação desta, um lugar de criação não apenas do gado, mas também onde a agricultura do algodão em pleno contexto da revolução industrial na Inglaterra, toma espaço privilegiado de geração de lucro, uma vez que o açúcar, produto que ocupou a pauta das riquezas produzidas durante bom tempo na colônia, já não ocupava mais o mesmo espaço. Os engenhos já não produziam como outrora, os mercados já não o viam com os mesmos olhos, a especiaria tornara-se uma mercadoria comum. Por outro lado, o fio branco do algodão era visado, altamente requisitado para produção industrial, o que o tornou objeto de atenção maior.

Na narrativa levada a efeito por Joffily, os habitantes dessa região seriam pessoas pacíficas, mas ao mesmo tempo bravas. Nesse fenômeno de ocupação do lugar, Geraldo Joffily não deixou de abordar os indígenas da terra, que foram reduzidos ou aldeados. Ainda no que concerne o trabalho nessa região sertaneja, o escritor tratou de forma clara em fazer um detalhamento dos escravos que habitavam à mesma e que em contraste com os do litoral, eram esses mais bem alimentados e com menos dispêndio em relação àqueles que viviam no litoral paraibano. Nesse sentido, se percebe que o intuito presente na obra foi de elucidar diferenças presentes nas localidades do mesmo estado, mas que ao mesmo tempo demonstram singularidades notadas em ambas às partes que, embora diferenciadas, se unem em diversos pontos de uma identidade comum, ficando a ideia de povo Paraibano e que será detalhado mais adiante no desenvolver da discussão.

O protesto do Quebra Quilo, ocasionado como já dito por conta da inconformidade da população para com as imposições do Estado e que se deu na segunda metade do XIX, tendo se estendido por uma vasta região, demonstra a consciência desses habitantes do sertão que atuaram em todos os brejos e chapadas da Borborema, são na narrativa Joffiliana identificados como pessoas entendedoras da situação em que enfrentavam.

Não eram esses apenas indivíduos desqualificados que sequer sabiam pelo que lutavam, o motivo maior que os levaria as ruas para destruir os pesos e as medidas, e mesmo queimar registros como no caso do movimento do Ronco da Abelha, pois ao se tratar de um movimento que nas próprias palavras do autor é descrito não como revoltoso mas sim revolucionário, o que se elucida é a consciência do porque e pelo qual lutar.

Embora os jornais da época que não apoiassem os mesmos como no caso do Jornal da Paraíba, órgão a serviço dos ditos doutores, tentasse construir uma imagem de povo sem conhecimento, que luta com barbaridade sem saber o porquê, o que se entende no arranjo da narrativa da obra estudada é que esses foram tachados de forma ultrajante, de maneira que viesse a desconsiderá-los em sua tomada de posição, talvez por ser assim mais fácil criar uma repressão contra os mesmos por parte do governo.

Esses sertanejos, que uma vez se fizeram presentes no movimento, carregaram consigo, segundo Joffily, a tomada de posição que se dá onde a revolução é explicada, pois o

povo se rebela contra aquilo que lhe acorrenta, essa população habitante do Sertão não se entrega aquilo que tenta subjugar-la ou humilhá-la.

Ainda na tentativa de reforçar essa imagem que ele mesmo tratou de construir de maneira clara, o autor não deixou de reforçar a concepção de que a barbaridade passou longe desse povo, pois os “matutos” que se envolveram na Revolta do Quebra-Quilos jamais praticaram nada que fosse de considerar-se antiético, pois segundo o autor, esses apenas estavam na tentativa de fazer valer sua vontade frente ao opressor, com um império que estabeleceu pesos e medidas desfavoráveis aos mesmos.

Dáí reside um fator importante, embora estivessem altamente engajados em quebrar pesos e medidas, esses não cometeram mortes para com a população por onde passaram, muito menos cometeram algum roubo ou abusaram sexualmente de alguma mulher, o que deixa uma imagem que não apenas consciente daquilo que queriam, esses foram segundo essa narrativa, agentes que se preocuparam com a população geral.

4 SERTÃO VERSUS LITORAL: SOBREPOSIÇÕES IDENTITÁRIAS

Embora haja uma dicotomia entre sertanejos e litorâneos, é preciso entender que a construção da identidade é, nas palavras de (HALL, 2005) uma questão de representação, feita a partir de determinadas imagens, eventos, símbolos, seja de uma nação, seja de um povo.

O autor demonstra um sentido de que a Paraíba é uma terra avançada a seu tempo, com uma vocação voltada ao republicanismo em plena monarquia, pois, segundo este, em meio à oposição característica do período monárquico entre os segmentos conservador e liberal, subiu ao poder Felizardo Toscano de Brito, que em uma breve administração entre 1864 e 1865 criou o *Jornal Argos Paraibano* e o *Despertador*, o órgão divulgador de ideias republicanas, dentre elas a própria abolição da escravatura. Havia um bate rebate entre ambos os jornais: *O Despertador* era defensor dos escravos, *O Jornal da Paraíba* era o órgão conservador.

O Jornal da Paraíba colocava-se contra os escravos e os *matutos* que temiam o recrutamento militar arbitrário, o jornal ficava sob a tutela do Dr. Silvino, na época presidente da Província. Algo que tenta evidenciar um caráter guerreiro e aguerrido desse povo frente à desigualdade, sempre se insurgindo quando preciso para se contrapor aqueles que querem menosprezá-los. O protesto se estendeu por uma vasta região, mostrando o vigor desses habitantes do sertão que atuaram em todos os brejos e chapadas da Borborema, são dessa forma identificados do ponto de vista de pessoas entendedoras da situação em que passam.

Aqui ver-se que o *Jornal da Paraíba*, órgão do Estado, tenta apaziguar a situação e por a culpa da divulgação da informação distorcida acerca do ocorrido, nas mãos do *Despertador*.

Na Paraíba, o protesto dos *matutos* surgiu no povoado de Fagundes, Serra de Bodopitá, próximo a Campina Grande no ano de 1874. A província saiu na frente, foi aqui que a tomada de posição se deu e onde a revolução é explicada, pois o povo se rebelou contra aquilo que acorrentava essa população habitante do Sertão, não se entregou aos ditames que tentava subjugar-la, humilha-la. Segundo as palavras do autor:

[...] Queixa-se do novo sistema de pesos e medidas, cujos instrumentos despedaçam e inutiliza. Vocifera contra a reforma da lei de recrutamento a que chama lei de cativoiro [...]. (p.46).

A causa que levou esses ditos *matutos*, população que nas palavras do governo foi descrita como pobre e ignorante à revoltar-se, foi a decretação do uso do sistema métrico decimal, que do ponto de vista desse povo era algo que simbolizada a tirania do governo. Essa mesma revolta demonstra em si que esses mesmos habitantes não eram nada ignorantes, e

que, do contrário, tinham plena convicção do que os levava a lutar. Como já salientado, os motivos que levaram a revolta foi à insatisfação da população sertaneja contra o aumento do “imposto do chão” e o recrutamento, algo que revela que esse povo nomeados como “matutos”, habitantes do interior da Paraíba, era um povo bravo e que não se submeteu as ordens que os prejudicava.

Geraldo Irineo Joffily ainda diz que os *matutos* envolvidos na Revolta do Quebra-Quilos nada fizeram que fosse de considerar-se errôneo, pois, segundo o autor, esses apenas fizeram valer sua vontade frente àquilo com o qual se sentiam oprimidos, nesse caso, o estabelecimento dos pesos e medidas. Mas ao invadir as feiras, não provocaram mortes ou roubo, muito menos abusos sexuais.

Para o autor:

A destruição dos arquivos e papéis era a desforra natural das vítimas de um aparelho burocrático emperrado e despótico. [...] ignorância e inconsciência dos matutos, mas o estudo das normas e preceitos vigorantes naquela época vem demonstrar que os matutos eram bem mais atilados do que se poderia supor, reagindo contra o arbítrio do recrutamento e do imposto do chão, realmente intoleráveis. (JOFFILY. 1977. p. 56)

Dessa maneira, os insurretos são claramente vitimados por um governo que segundo o autor, era despótico e burocrático para com essa população. Os *matutos* sabem por que lutam, haja vista que é mostrado um grupo que, sendo tachados de “ignorantes e inconscientes”, defendem-se segundo o autor, uma vez que são conscientes daquilo pelo qual buscam rebelar-se. E, mesmo assim, são como todos paraibanos, uma população pacífica, embora brava. Essas qualidades se tratam de traços do habitante litorâneo, mas que por sua vez são encontradas no paraibano sertanejo, pois o recrutamento militar obrigatório nas palavras de Joffily (1917. p.31) “afetava a estabilidade do pacífico cidadão que viviam nas diversas localidades do sertão”. Esse, no momento de maior tensão respeita a si mesmo, mostrando-se claramente cheios de conduta, mas que ao mesmo tempo se insuflam, procurando manter sua estabilidade, mas sem provocar violências desnecessárias.

Além disso, o próprio Joffily ainda evidencia que por trás do mesmo movimento havia uma forte influência daqueles que ligados ao Partido Liberal queriam fazer valer sua vontade, os mesmos insuflavam os *matutos* a irem às ruas em protesto, nesse caso o autor ainda chega a dizer que na cidade de Alagoa Grande (p.64) “alguns liberais aproveitaram-se do movimento dos *matutos* para revanche contra seus inimigos políticos.” O autor ainda dedica-se a exaltação de um natural da terra. José Américo de Almeida é descrito na obra como um grande homem de forte percepção e conhecimento apurado acerca da população designada matuta da Serra da Borborema.

Mais importante de tudo é que como que tomando partido, o escritor dedica páginas de sua obra a declarar o que houve quando do combate ao movimento por parte das autoridades militares do estado, haja vista que o mesmo trás um capítulo inteiro a declarar que, as punições dadas eram mais que duras, ao passo que não alteravam a vontade de luta dos mesmos matutos, que uma vez engajados em conseguir seus anseios, não se deixavam subjugar mesmo com todas as opressões tidas contra eles.

A alteridade, aquele que diverge, é tida como ponto de destaque em sua obra. O Paraibano sertanejo, que na obra O Quebra Quilo é descrito como trabalhador pobre, detentor de um modo de ser singular, ligado ao mundo rural, se mantendo distante do ambiente urbano, é diferente daquele morador da região litorânea, por ser este um indivíduo urbanizado, civilizado. Muito embora tragam traços em comum que os aproximam como a pacificidade e a bravura, esses são descritos de maneira diferente um do outro.

Embora quebrando a noção do IHGP de que todos paraibanos possuiriam traços únicos que funcionariam como fator principal de diferenciação para com as demais partes do Brasil,

o autor traz a ideia de povo. Esse recebe os combatentes advindos de Pernambuco contra os insurretos do movimento Quebra Quilos, que mais uma vez são tidos enquanto revolucionários e não enquanto rebeldes ou vândalos que sem um propósito digno se põem a destruir pesos e medidas unicamente por motivo de rebeldia. Quando da chegada de 180 praças armados das mais diversas formas para combate do movimento desembarcam na Paraíba, os mesmos são recebidos não por qualquer população, mas pelo *povo paraibano*.

Quando esse aborda a figura de Felizardo Toscano de Brito, faz uma citação a sua administração enquanto fecunda, sendo o mesmo um representante do Partido Liberal e figurando enquanto homem de grandes feitos, fundador de dois periódicos, o Argos Paraibano e O Despertador, jornais que na época possuíam na visão de Joffily, ideias avançadas, concepções essas que são de cunho Republicano, defendendo inclusive o fim da escravatura, o que demonstra mais um aspecto dessa singularidade da terra, onde o republicanismo se faz presente mesmo no coração dos líderes da Província.

O português aparece na narrativa de Geraldo Joffily como agente colonizador da mesma região sertaneja, não com uma imagem depreciativa, mas como partícipe do processo de colonização do território. Ao abordar a formação de Brejo de Areia, por exemplo, o escritor não mediu esforços ao falar do português Jorge Torres, criador da fazenda Tanques de Jorge, que é memorado na obra. Ao falar sobre o mesmo o autor diz:

Jorge Torres era a maior fortuna de Areia e não há negar que sempre procedeu com liberdade. Voluntariamente se ofereceu para construir as obras indispensáveis á criação da vila. Já antes, prestara serviço ao governo, com dispêndio de sua fortuna na sufocação do movimento revolucionário que conflagrou na Paraíba em 1817. Em avançada idade veio a falecer em 1850, tendo deixado filhos casados e o exemplo de uma vida laboriosa e útil. (JOFFILY, 1977, p.18).

Nessa mesma citação é possível notar como o escritor tratou de abordar não apenas o outro, mas também deu destaque ao movimento de 1817. Sua narrativa, como que querendo demonstrar traços de uma população, embora que não de maneira direta nesse instante, faz uma alusão clara e que aos olhos se torna bastante notável, encaixa esse período como mais um momento de tomada de posição dos paraibanos de um modo geral, principalmente os sertanejos, como povo guerreiro que se revolta frente aqueles que procuram oprimi-lo de diversas maneiras, para corroborar tal ponto, é apenas preciso observar com os olhos atentos de alguém que procura achar vestígios. Nesse caso, o acontecimento é tido não como revolta apenas, mas um momento revolucionário daquele ano.

CONCLUSÕES

A análise da obra *O Quebra Quilos* do escritor Geraldo Irineo Joffily revelou traços de um indivíduo singular, habitante das terras do interior da província, por ele denominado de *matuto*, sendo esse detentor de características que o tornava diferente dos demais. Personalidade ligada à vida rural, que não se subordinavam, nem deixavam serem levados por qualquer medida que pudesse prejudicá-los. Esses aspectos foram encontrados ao observar a descrição realizada por Joffily dos movimentos do Quebra Quilos e do Ronco da Abelha, onde essa população simples se insurgiu.

Muito embora taxados por vezes de ignorantes, o que o escritor da obra demonstra, é que ao contrário, esses sabiam as razões que os levavam a se rebelarem, pois, no momento em que o Estado estabeleceu regras como o recrutamento militar obrigatório, ou mesmo quando mudou o sistema dos pesos e medidas que poderiam abalar a vida simples desse habitante interiorano, o mesmo revolta-se, sai às ruas com intuito de desfazer tais imposições.

É notável que o escritor não mediu esforços para trazer uma concepção de unidade desse *matuto* interiorano na luta contra o império e suas imposições, haja vista que essas

prejudicavam a vida dos mesmos. O fato de ser um povo aguerrido e que se opunha as medidas de subordinação, demonstra que o paraibano do interior compartilhava traços com o seu vizinho do litoral, embora sejam descritos como diferentes um do outro, esses possuíam alguns pontos em comum.

A ideia de paraibanidade discutida por Margarida Dias, pressupõe que esses historiadores pertencentes ao Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), construíram por meio de seus escritos, uma narrativa voltada a criar a ideia de um povo único, o Paraibano, possuidor de características próprias que estariam presentes em todos os demais habitantes desse lugar, possuindo elementos diferenciadores deste para com os demais, como o Pernambucano, por exemplo. No entanto, ao observar o trabalho do historiador Geraldo Irineo Joffily, o que fica claro é que, muito embora o habitante do litoral e do sertão compartilhem algumas semelhanças, esses são diferentes, fato esse que quebra com a noção de unicidade defendida pelos ihgepeanos, que tenta criar a ideia de povo, como um tipo único de ser.

Há claramente o intuito por parte do escritor, em demonstrar as diferenças presentes entre um e outro, uma vez que diferentemente do paraibano do litoral, o sertanejo seria mais ligado à vida rural, enquanto o indivíduo litorâneo era identificado com a ideia de civilidade, de urbanidade, típica do modelo de identidade estabelecido pelo IHGP para todos os paraibanos. Nesse sentido, ao adentrar na análise da obra *O Quebra Quilos*, entende-se que a noção de unicidade defendida pelo instituto é rompida, pois a paraibanidade construída para os conquistadores do litoral não se enquadrava para o *matuto*.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

AQUINO, Viviane de Fátima. **Em busca da “paraibanidade”: Eudesia Vieira e a identidade paraibana em “terras dos tabajaras”**. Campina Grande: Relatório final do PIBIC/CNPQ/UEPB, 2013 - 2014.

AQUINO, Viviane de Fátima. **Paraibano e sertanejo: Elucubrações identitárias na retórica de Celso Mariz na obra Através do sertão**. Campina Grande: Relatório final do PIBIC/CNPQ/UEPB, 2014-2015.

CABRAL BASTOS L.; MOITA LOPES, L. **Estudos de identidade: Entre saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Garamond, 2011. p.45-76.

CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo. História e análise de textos. In **Domínios da história – ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

DIAS, Margarida Maria Santos. **Intrepida ab origine – O IHGP e a produção da história local**. João Pessoa: Almeida gráfica e editora, 1996.

FERNANDES, Ociono do Nascimento. **A produção e a comercialização de mercadorias no Brejo da Parahyba.(1793 - 1883)**. João Pessoa, 2008.

GUIMARÃES, Manoel Salgado. **Nação e civilização nos trópicos**. *Estudos históricos*: Rio de Janeiro, nº 1, 1988, p. 5 a 27.

HALL, S. SILVA, T. WOODWARD K. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos estudos culturais. Vozes, Petrópolis, 2005, p.103-131.

HALL Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10.ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2005.

JOFFILY, Irineu. **Notas Sobre a Paraíba**. Brasília, Thesaurus, 1892.

JOFFILY, Geraldo Irineu. **O Quebra-Quilos. A revolta dos matutos contra os doutores-1874**. Thesaurus, Brasília, 1977.

LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil**. Intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro. IUPERJ, 2003.

MONTEIRO, Luíra Freire. **Retórica da alteridade: Portugal e portugueses na historiografia brasileira**. São Paulo: Hedra, 2016.

MONTEIRO, Luíra Freire. **Arquitetura da Paraibanidade: recursos retóricos dos historiadores paraibanos na construção da identidade local**. PIBIC/CNPq/UEPB, Campina Grande, 2014.

MONTEIRO, Luíra Freire. **A Invenção de Si: estratégias de construção da identidade territorial na historiografia paraibana**. Iniciação Científica-PRPGP. Campina Grande, 2015.

NAXARA, Márcia Regina Campelari. **Estrangeiro em sua própria terra**. Representações do brasileiro. 1870/1920. Fapesp Annablume.

PINSKY, C. LUCA. T. **O historiador e suas fontes**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 223-249.

KAUFMANN, Jean Claude. **A invenção de si – Uma teoria da identidade**. Lisboa: Piaget, 2006.

PATRÍCIO, Viviane Edna Vieira. **A identidade Paraibana na obra “História da Paraíba”, de Horácio de Almeida**. Campina Grande, Relatório final do PIBIC/CNPq/UEPB, 2013 - 2014.

PATRÍCIO, Viviane Edna Vieira. **Muito além dos canaviais: Os sertões da Paraíba na sensível escrita de Horácio de Almeida**. Caicó: Anais do V Encontro de história cultural, 2015.

SILVA, Marinês Cavalcante da. **A Identidade Paraibana na obra “História da Província da Parahyba” de Maximiano Lopes Machado**. Campina Grande, 2014. Trabalho de conclusão de curso de graduação em história da Universidade Estadual da Paraíba.